

# APRESENTAÇÃO

O sexto número da RCD chega aos seus leitores marcando o fim de uma jornada. O Laboratório de Comunicação Dialógica, cuja RCD era apenas um de seus projetos, completou 10 anos dedicados à produção do conhecimento sobre o universo da comunicação dialógica e apoio aos grupos que nele atuam. Sem recursos mínimos para o seu funcionamento, sem funcionários técnicos ou administrativos, sem equipamentos, com pouquíssimo apoio institucional (resumido aos órgãos que nos concederam bolsas e ao Portal de Revistas Eletrônicas da UERJ, que hospeda a Revista), tivemos que tirar leite de pedra para chegar até aqui e produzir tudo o que produzimos. Foram dezenas de alunos formados a partir da participação em estágios em veículos de comunicação dialógica, cursos de extensão dos mais diversos, produção de séries e filmes de curta, média e longa metragem, programas para a TV, programas de transmissão ao vivo na internet, eventos científicos, publicação de artigos científicos e, é claro, desta revista que vos fala.

Mas, chega uma hora que não se suporta mais todo o peso da falta de condições de trabalho e é preciso passar o bastão. Como diz o ditado inspirado na filosofia budista: quando nada do que você faz parecer suficiente, o melhor que você pode oferecer é a sua ausência. No dia 03 de novembro de 2021, alegando falta de algum professor interessado em assumir a coordenação do Laboratório de Comunicação Dialógica, o Departamento de Relações Públicas decretou a extinção do mesmo. Essa decisão, vis a vis a produção do LCD e a sua importância como órgão representativo do universo da comunicação dialógica na universidade mais popular do Brasil, fala por si só, dispensa comentários desta editoria, que, é claro, a lamenta profundamente.

Porém, desta honrosa e produtiva jornada, esperamos que sobreviva ainda por muitos anos um dos seus principais filhos: a Revista de Comunicação Dialógica. E, para isso, precisamos da sua ajuda. Precisamos da ajuda dos nossos leitores, autores, pareceristas e pesquisadores associados na divulgação da Revista, de modo que essa avance em seu processo de solidificação como alternativa qualificada para integração entre as áreas da comunicação, educação e cultura voltadas para a promoção da democracia. A boa notícia é que, a partir de agora, sem o peso da administração do Laboratório, teremos mais tempo para nos dedicarmos à edição da RCD e sua divulgação, tecendo as redes necessárias para o seu reconhecimento e ampliação, tanto em termos nacionais como internacionais.

Este número marca também uma inflexão em relação a nossa política editorial. Durante esses três primeiros anos, nos esforçamos para cumprir todos os requisitos para ter uma boa avaliação junto à CAPES, ser reconhecida como uma Revista de alto nível na área de comunicação e, assim, atrair o interesse dos principais pesquisadores da área. Mas, com o desmonte dos sistemas de avaliação acadêmica em curso e, portanto, da falta de perspectivas de avaliação da CAPES, decidimos nos tornar mais receptivos à publicação de monografias de graduação e artigos de mestrandos e doutorandos. Entendemos que, dessa forma, ampliaremos o nosso público, o nosso reconhecimento e, portanto, caminharemos no sentido da democratização da RCD, mesmo que em detrimento dos duvidosos preceitos de excelência elencados pela CAPES. Portanto, professores, incentivem seus alunos de pós-graduação a publicar na RCD, pois, a partir de agora, estaremos mais receptivos.

E, já nessa direção, trazemos como primeiro artigo deste número a monografia de umas das principais revelações do jornalismo comunitário carioca. Em “O papel das novas tecnologias no jornalismo comunitário: Voz das Comunidades, do impresso ao digital”, Thaís Cavalcante da Silva discursa sobre os desafios e oportunidades que as novas tecnologias trouxeram para a comunicação comunitária. Partindo de sua definição e destacando o importante papel dos jornais comunitários para quebrar o monopólio da grande mídia e mostrar a outra realidade das periferias e favelas, a autora defende a hipótese de que a passagem do jornal impresso para o digital possibilitou oportunidades de crescimento, alcance e sustentabilidade para veículos comunitários. Para fundamentar essa tese, Thaís propõe como estudo de caso a análise da trajetória do Voz das Comunidades, jornal inicialmente distribuído de forma impressa nas favelas do Complexo do Alemão, e hoje disseminado a nível nacional e internacional por meio digital.

No artigo “Intervozes e a agenda da democratização da comunicação: um olhar sobre a atuação do coletivo” temos uma análise direcionada para a atuação do Coletivo Brasil de Comunicação Social (Intervozes), buscando entender como sua luta pela democratização da comunicação se faz presente na atual conjuntura política brasileira. Utilizando-se de argumentos de autores da EPC (Economia Política da Comunicação), o texto levanta pautas importantes para uma comunicação plural, comunitária e dialógica, visto que o Estado brasileiro não assume seu papel de regulador da mídia e garantidor de direitos. Um ponto importante apresentado é a atual política bolsonarista – que já se anunciava no governo Temer – de privatização e extinção de importantes órgãos públicos, e que tem posto em risco a atuação de redes públicas de radiodifusão, como a EBC (Empresa Brasil de Comunicação), que

inclui a TV Brasil e a Agência Brasil. Podemos observar que a defesa da comunicação pública e não-hegemônica se tornou uma das principais reivindicações do Intervozes nos dias de hoje.

Em “Comunicação comunitária: uma perspectiva teórica do Empoderamento à Biopotência da Multidão” temos, a princípio, uma apresentação do panorama histórico dos diferentes discursos de viés comunitário da comunicação produzidos ao longo dos anos até a intensificação da globalização nos dias de hoje. Utilizando autores como Paulo Freire, que defende a conscientização (ou empoderamento) do sujeito através da educação para a libertação do estado de oprimido, o texto advoga que esse empoderamento precisa estar engajado em atos sociais comunitários para que haja transformação e inclusão daqueles que estão marginalizados. Seguindo esse raciocínio, o artigo traz articulações teóricas entre os termos comunicação comunitária, empoderamento, biopotência e multidão, a partir também das pesquisas de Peter Pelbart, Antonio Negri e Michel Hardt. O estudo busca levantar possibilidades de compreensão atualizadas sobre comunidade, enfatizando a importância de que a mesma se transforme e atue como “Multidão”, conceito no qual se pensa um conjunto de subjetividades individuais, mas não individualizadas, conscientes do meio em que vivem, unidas por uma força que traria mudanças sociais, políticas e culturais.

O artigo “O uso de determinados termos faz a diferença: um olhar essencial na garantia de direitos aos autores de atos infracionais com vistas para as manchetes do R7”, de Paloma Fernanda Martins Ferreira, aborda a problemática do uso da linguagem pejorativa utilizada em manchetes do portal de notícias R7 em relação às crianças e adolescentes que cometem atos infracionais. A partir de uma pesquisa extensa, a análise das manchetes expõe a discriminação e estigmatização que determinados grupos sociais são submetidos e inferiorizados, apontando o racismo estrutural que se estabelece em enunciados, discursos e palavras tendenciosas. Historicamente, as relações de poder se manifestam de diversas formas, e tal artigo nos traz à luz maneiras de combater preconceitos a partir de uma linguagem adequada, sem mecanismos de exclusão ou violação de direitos fundamentais de crianças e adolescentes que necessitam de apoio social.

Neste número recebemos nosso segundo texto em espanhol. Elaborado a partir dos esforços de um grupo que desenvolve um projeto de extensão junto a instituições de saúde nos pampas argentinos, o texto realiza uma análise comparativa da abordagem jornalística entre veículos nacionais e locais a respeito de uma declaração de um médico sobre o compartilhamento da erva mate no contexto pandêmico. Sendo

o uso da erva-mate de modo compartilhado um hábito dos argentinos, o trabalho traz reflexões importantes sobre como a comunicação pode contribuir para minimizar as contradições entre as questões sanitárias e culturais. No caso analisado, fica evidente, mais uma vez, a importância da comunicação comunitária no sentido de criar representações que orientem a conduta dos cidadãos e que sirvam de contraponto à espetacularização da imprensa sensacionalista.

E, para finalizar o nosso sexto número, trazemos uma entrevista com o professor indiano Daya Kishan Thussu. Após muitos anos lecionando comunicação internacional no Reino Unido, nas Universidades de Londres e Westminster, Thussu aceitou um convite para aprofundar suas pesquisas sobre a China e, atualmente, reside em Hong Kong, onde leciona na Escola de Comunicação e Cinema da Hong Kong Baptist University. A entrevista foi um presente de uma das nossas colaboradoras, a Prof<sup>a</sup> Carolina Oliveira Matos, da Universidade de Londres, a qual enviamos um agradecimento especial.

Autor de mais de duas dezenas de livros sobre comunicação internacional, nos interessa, sobretudo, na obra de Thussu a sua perspectiva sobre a decolonização da produção acadêmica em comunicação. Ao longo da entrevista, o autor analisa os avanços recentes nessa perspectiva, sinaliza as tendências e oferece algumas dicas de leitura para aqueles que desejam conhecer mais a sua obra. Fizemos questão de traduzir a entrevista para o português, trazendo aqui a versão original e sua tradução, de modo a ampliar o seu alcance.

Essa entrevista marca também o início de um caminho que buscará estreitar as relações entre a RCD e os países do sul e sudeste da Ásia, na direção da valorização e ampliação das relações sul-sul, com vistas à promover tanto a nossa integração, quanto a ampliação de nossa representatividade no contexto da produção acadêmica internacional.

Como despedida deste número e do LCD, anunciamos o lançamento do livro “Comunicação Comunitária e Midiativismo – conceitos, métodos e experiência de pesquisa em dialogia”, que traz os nove artigos publicados pelo Laboratório de Comunicação Dialógica em diversas revistas científicas. O livro é, ao mesmo tempo, uma contribuição teórica, uma prestação de contas à todos os nossos colaboradores, especialmente àqueles que nos apoiaram com bolsas de estudo, e uma forma de comemorar a superação de todos os desafios e as diversas conquistas que tivemos ao longo dessa jornada de 10 anos. Prefaciado pelo Prof. Márcio Castilho, da UFF, e pela comunicadora popular do conjunto de favelas da Maré, Gizele Martins, o livro foi editado em parceria com o Núcleo Piratininga de Comunicação, onde exemplares já

estão disponíveis para a aquisição dos nossos leitores, com recursos inteiramente voltados para a promoção da comunicação comunitária carioca.

Muito obrigado a todos que colaboraram com o LCD e, aos leitores da RCD, boa leitura! Lembrem-se: vosso apoio será, mais do que nunca, fundamental para a consolidação da primeira revista voltada para o universo da comunicação dialógica em língua portuguesa.

*Marcelo Hernandez, Milene Couto, Fernanda Paz, Esther Rufino*  
*Membros do Laboratório de Comunicação Dialógica (LCD/UERJ)*